

O POVO DE GUIMARAES

SEMANARIO DEMOCRATA E SOCIAL

Editor responsavel:

José Salgado

Redacção e administração:

Rua de D. João I, n.º 76-1.º

GUIMARÃES

Condições de assignatura

Portugal, ilhas e colonias:—Anno, 750 reis, pagamento adiantado. — União postal:—Anno, 2\$000 reis, idem

COMMUNICADOS E ANUNCIOS

Por linha, 30 reis, typo corpo 12; repetições, 20 reis; annuncios permanentes ou reclamos no corpo do jornal, contracto particular. Os assignantes gosam do abatimento de 20 por cento

Officina de Impressão:

Typ. Minerva Vimaranesse

RUA DE PAYO GALVÃO

GUIMARÃES

Domingo, 7 de Fevereiro de 1904

A culpa é do povo

O descabro vergonhoso e inconcebível a que chegou a nação portugueza deve-se, principal e essencialmente, ao povo que, por ignorancia, por desleixo, por criminosa e estulta indifferença, deixa de cumprir o seu dever mais sagrado, o de olhar pelos seus proprios interesses, o de pugnar pelas suas aspirações legítimas, pelo seu bom nome, pela honra e gloria d'esta nação que foi illustre, nobre e grande e que, hoje, chafurda n'um lamaceno infecto.

E' triste, desolador, que o povo não sinta um fremito de indignação e revolta contra si mesmo quando vê que se deixa, estúpida e covardemente, despojar do ultimo farrapo de pelle que lhe resta e se prostra ainda qual pária vil á espera do pontapé que lhe vibre o primeiro que passe.

O paiz nunca passou por uma crise tão aguda e tão perigosa como a que actualmente o assola. Nunca o seu futuro esteve tão ameaçado, nunca a sua administração tão vergonhosa. E' preciso, é indispensavel que o povo se convença que a sua indifferença pelo estado desesperado em que se encontra o paiz é um crime repugnante e maior do que o d'aquelles que, ajudados e sustentados pelo povo que contra elles não protesta, o tem levado, pela sua administração louca e nefasta entre as mais nefastas, ao estado de ruina e miseria em que se encontra.

E' preciso que o povo pense, mostre que tem alma, que tem dignidade, que tem brio. E' preciso que o povo veja que não temos escolas, que não temos estradas, que não temos exercito porque não ha nem espingardas nem munições, que não temos marinha de guerra e que dos cinco ou seis barcos que estão no Tejo apenas um se poderá mover: o cruzador *D. Amelia* já está furado, o *S. Gabriel* e *S. Raphael* precisam de um fabrico demoradissimo, e o celebre *Vasco da Gama* não tem munições nem meio de as obter tão cedo. Nos quarteis chove como nas ruas e como nas poucas escolas que ha; a agricultura está passando por uma crise medonha, o commercio e a industria, apesar de todos os seus esforços, não encontram no Estado a protecção que lhes é devida, antes são perseguidos por mil vexames e contrariedades; as nossas colonias a pouco e pouco vão desapparecendo e os ministros declaram, ufanos, do alto das suas cadeiras que o dia mais feliz da sua vida é aquelle em que as entregam ao estrangeiro; o nosso estado financeiro assombra e causa vertigens: temos um deficit permanente de 9:000 a 10:000 contos, temos uma divida fluctuante de 70:000 contos, temos a bancarrota certa, inevitavel que cairá, d'esta vez, unicamente sobre o paiz, pois que os credores externos já contra ella se precaveram pelo famoso convenio de 1903. Pagamos 50:000 contos de contribuições e, no entanto, os pequenos empregados publicos, os que trabalham, os que fazem todo o serviço, morrem de fome, os professores primarios sustentam-se por um milagre, só as embaixadas á

China prosperam, só os enxames de commissarios regios enriquecem, só os altos funcionarios que tem dezenas de empregos publicos, ganham dezenas de contos de reis e, como para isto o que o povo paga ainda não chega, lançam-se mais contribuições, augmenta-se a divida fluctuante, vendem-se, illegal e arbitrariamente, titulos da divida publica, põem-se em almoceda as colonias e o paiz!

E — assombro inaudito — o povo assiste a isto tudo sem um clamor, sem um protesto, sem que do seu seio saia um grito de revolta, unanime e firme, pedindo justiça, pedindo honestidade, pedindo algum amor para esta terra de tão sublimes tradições!

A indifferença do povo deve-se principalmente á Imprensa que, não comprehendendo bem o seu dever, prefere publicar artigos habilidosos em que os seus auctores insultam os homens publicos e lhes chamam nomes feios em estylo arrevesado que uns não entendem e de que outros se riem, sem que d'ahi provenha nenhum mal para esses homens nem, tampouco, nenhum bem para o povo, em logar de procurar com os seus artigos ensinar-lhe os seus direitos, as suas forças e o seu valor, apontar-lhe com sinceridade as medidas ruinsas, os esbanjamentos governativos, dizer-lhe como é que contra isso deve protestar, firme e energicamente, mas com ordem e sempre dentro da lei, para que esses protestos surtam effeito.

E' um dever indeclinavel da Imprensa honesta ensinar o nosso povo tão atrasado, mostrar-lhe que se elle é o unico prejudicado pela administração mais desastrosa de que ha memoria, tambem é o unico responsavel por não ter na medida das suas forças que são immensas e insuperaveis, procurado pôr um termo á torrente de esbanjamentos e desmoralisação que ha tantos annos nos suffoca.

Não é com tumultos, não é quebrando vidraças nem com gritos desvairados que se derrubam governos e mudam systemas. E' protestando dentro da ordem e da lei, unidos, firmes e inquebrantaveis, até final conseguimento do que é justo e necessario.

Já que os deputados não são eleitos pelo povo mas nomeados pelo governo, que o povo em massa manifeste a sua vontade e exija um governo digno, uma administração honesta.

Está isso na mão do povo e á Imprensa compete educal-o, ensinal-o e aconselhal-o. Que todos se convençam de que—cada povo tem o governo que merece.

M. F.

31 de janeiro

Estiveram imponentes como nunca as manifestações feitas no Porto, Lisboa, Coimbra, Figueira da Fóz e Braga, commemorativas e de homenagem á gloriosa jornada d'aquella inolvidavel data, para nós tão esperançosa.

A ellas nos associamos com o ardor das nossas convicções.

Pagamento de contribuições

Foi superiormente prorogado até ao dia 15 o prazo para o pagamento das contribuições ao Estado.

Bailes de mascarar

No theatro de D. Affonso Henriques realisa-se logo á noite o primeiro dos 3 bailes que a direcção do theatro promove, para com o seu producto custear as despezas feitas com a installação da luz electrica n'aquella sala de espectaculos.

Falla-se em que esta epocha promettem ser muito animados e que serão prohibidos os divertimentos exagerados e fóra de gosto, sendo uma medida acertada e que deve obter o louvor geral.

Realmente, bom é que assim succeda, porque nos ultimos annos tornou-se indecoroso o que ali se consentiu, não estando em relação com a cathogoria do theatro nem com as pessoas que o podem frequentar.

Obstar esses inconvenientes, será prestar um bom serviço á moralidade publica, como lêmos no presado collega *O Commercio de Guimarães* e perfilhamos no acima exposto.

Vindo de Vianna com sua esposa, regressou na sexta-feira á noite a esta cidade o nosso amigo, snr. Alberto Fernandes da Cunha Mourão, sympathico e intelligente pharmaceutico.

Previsão do tempo

Segundo Escolastico, o tempo provavel da primeira quinzena de fevereiro será o seguinte:

De 2 a 5—Regimen fraco de entre noroeste e nordeste; ceu precursor de nevasdas, geadas na Mancha e Aragão, gelo em Castella, neblina na Galliza, Estremadura e Vascongadas, borrasca no Cantabrico, temporal no Estreito e regimen frio.

De 6 a 9—Regimen do oeste; nevoeiros na Galliza, Castella, bacia do Ebro, Lerida, Gerona e Riejo, chuvas estacionaes no Levante, Andaluzia, Mancha e Estremadura; tempo tempestuoso na Catalunha, e bom tempo com frio pela manhã e á noite.

De 10 a 12—Ceu limpo e bom ambiente; nevasdas no Aragão e Riejo, gelo em Castella e noroeste, e chuva miuda ao norte em Burgos, Soria, e em Lisboa norte. Em Bilbao, Aragão e Levante, noroeste, e nas Asturias, Galliza e Joen, norte e noroeste. Por fim tempo borrascoso nas costas.

De 13 a 15—Frio na região central da peninsula; ventos fortes e rijos do norte e noroeste, com tempo medio na Andaluzia e na Estremadura; nevoeiros na Galliza e mostras de chuva no Levante, sendo escassa na Catalunha e ao norte, para terminar o periodo com tempo secco.

Dr. Bernardino Machado

A manifestação do povo de Lisboa

A manifestação que o povo fez ao Dr. Bernardino Machado na noite de 29 de janeiro á sua chegada a Lisboa, diz bem alto a sua maneira de pensar.

E' facto, que não precisa registrar-se, por si só basta para demonstrar como na capital se trabalha em favor da causa da liberdade.

Sua Ex.^a, o Dr. Bernardino Machado, quando da janella do hotel agradecia a manifestação que lhe faziam os seus apostolos, disse:

“Meus senhores, a manifestação está feita aos olhos de todo o paiz.”

E assim é; a manifestação que lhe foi feita em Lisboa, impulsionou todo o paiz.

O partido republicano, que muitos suppunham moribundo, levanta-se por milhares d'homens n'um corpo só, e entusiasticamente saúda o grande cidadão, que vem a Lisboa tomar parte em duas commemorações.

A primeira—A gloriosa data de 31 de janeiro, que não deve passar desapercibida a todo o bom portuguez, que saiba sentir as desgraças da sua patria, que é a sua familia.

A segunda—O quarto anniversario da *Escola 31 de Janeiro*, que devido aos bons esforços e reconhecida dedicacão dos seus corpos gerentes, tem arrancado ás trevas do analfabetismo dezenas de crianças de ambos os sexos; crianças que serão a sociedade de amanhã.

E' um incentivo para os bons crenetes da democracia, que estão mais bem collocados pela fortuna, auxiliar tão modestas como grandiosas instituições, ou criar outras de igual feição pelo paiz, dispondo convenientemente a infancia de hoje, que será os homens de amanhã.

Na glorificação ao Dr. Bernardino Machado, deu o partido republicano sobejas provas de que não dorme; de que está alerta e bem alerta, no seu posto de vigilancia, prudente, sem entraves na consciencia e sabendo respeitar-se para que o respeitem.

Lisbõa, 4-2-904.

Luiz Pereira.

Interinamente, foi nomeado amanuense da secretaria municipal d'este concelho, o snr. Joaquim de Souza Dias, nosso amigo e filho do estimado amanuense camarario, snr. João de Souza Dias.

Annuncios judiciaes

De Bernardino Machado:

"O Povo de Guimarães," é o unico jornal que n'esta cidade publica os annuncios judiciaes e particulares mais baratos, pois faz differença no preço e comprimento das linhas de columna, que são mais largas do que as dos outros jornaes.

Os outros tem as linhas mais curtas que as do nosso e são a 40 reis a 1.^a publicação, e a 20 reis a 2.^a; ao passo que nós publicamos a 30 reis a 1.^a publicação e a 20 reis a 2.^a, o que faz sua differença de parte a parte.

Mas como muitas vezes succede aos clientes nada d'isto sabermos, lembramos aos snrs. procuradores que por zelo dos interesses dos seus constituintes, devem preferir este periodico para a publicação dos annuncios que elles tem de pagar, visto o custo ser menor aos dos outros.

Isto veio a proposito, por se dizer para ahi e fazerem-se estranhos reparos por não publicarmos ainda annuncios judiciaes e terem sahido nos outros collegas locaes.

E' facil a explicação. Na empresa d'"O Povo de Guimarães," não existe gorducho ajudante de notario que ande a farejar pessoas e cartorios a ver se ha annuncios judiciaes para publicar, nem bacharel que recorra a meios que julgue licitos, mas que são improprios, para que esses annuncios sejam sómente dados a jornal que lhe pertença.

Isso seriam processos pouco escrupulosos que a nossa briosa feição não permite, e brigam com a nobre missão da imprensa e da collectividade.

E não adeantemos mais por hoje, fi-que entendido, porque as opportunidades tambem se aguardam, senhores feudaes...

Obituario

Segunda-feira de madrugada falleceu na sua residencia do largo do Trovador, o snr. João Ferreira d'Abreu, cavalheiro muito bemquisto e que era irmão dos snrs. José e Manoel Ferreira d'Abreu, considerados proprietarios d'esta cidade, e tio dos snrs. João, Emiliano, Ovidio e Carlos Abreu.

Esteve alguns annos na Africa e recolheu ha pouco á terra natal afim de tratar da sua abalada saude, vindo a succumbir depois de prolongados sofrimentos.

Os officios de corpo presente realisaram-se no templo de S. Francisco, pelas 11 horas da manhã de quarta-feira, tendo uma assistencia abundante e distincta.

Tambem na segunda-feira, pelas 11 horas da noite, falleceu a snr.^a Anna Corvas d'Azevedo, filha extremosa do snr. Manoel Corvas d'Azevedo, estabelecido á rua do Espirito Santo.

A desditosa senhora contava 27 annos de idade e foi victima da malvada tuberculose, molestia que se tem alastrado n'esta cidade e tantas victimas está dizimando continuamente.

Dotada d'um coração estremo de bondade e d'um trato affavel, era geralmente estimada e a sua morte foi por todos bastante sentida.

A's familias doridas, a expressão das nossas condolencias.

Visitou-nos ha dias o snr. Manoel da Costa Santos, nosso amigo e correli-gionario residente em Lordello.

Por todos os que querem saber e não podem, opprimidos pela reacção politica; por esse sem numero de creanças analphabetas; por todos os que querem trabalhar e não podem, opprimidos pela reacção economica, esse sem numero de proletarios; por todos os que querem amar, ser bons e em cujo seio a reacção religiosa lança a semente dos odios; por esse sem numero de sautas e piedosas mulheres que ella tepta desvairar e arrastar após si, para fóra dos seus deveres; por todos os pobres, por todos os humildes e por todos os fracos, saudem a liberdade e com ella o unico partido que hoje a sustenta e defende em Portugal—O PARTIDO REPUBLICANO.

«O Arauto»

Recebemos o n.º 1 d'esta interessante publicação mensal, que vê a luz da publicidade no Porto, e de que são proprietarios os snrs. Alypio A. de Sá & C.^a, director litterario, o snr. Bartholomeu Severino, director artistico, o snr. Christiano de Carvalho, e gerente, o snr. M. de Magalhães.

Litterario, noticioso e illustrado, apresenta-se bem redigido, com 16 paginas de texto agradável e util, instructivo e variado, custando por anno apenas o preço do porte do correio—125 reis.

Como suplemento, *O Arauto* vae publicar em março uma revista tambem mensal, intitulada *Corbelha Artistica*, de desenhos para bordar e modelos de roupa branca, custando cada n.º 120 reis.

No fim de cada anno serão distribuidos a todos os assignantes 3 valiosos brindes, por sorteio indicado por uma das loterias portuguezas, sendo esses brindes de grande interesse pratico e de preço cincoenta vezes superior ao da assignatura.

Agencia n'esta cidade:—administração d'"O Povo de Guimarães," onde se recebem assignaturas e se vende avulso.

Bando Carnavalesco

No proximo domingo Gordo, se o tempo o permittir, sahirá pela volta das 2 horas da tarde do alto da Avenida do Commercio, precedido da competente *zabumbada* e de alguns batedores a cavallo, o tradicional *Bando Carnavalesco*, promovido por uma commissão de operarios d'esta cidade. E dizemos tradicional porque já em 1858 se impunha ás *massas* respeito pelo *Bando* e se recitava, pela bocca de Manuel Joaquim d'Almeida, o seguinte:

.....
«Oxalá não turvemos tanto goso
Com algum espectáculo horroroso,
Se algum apparecer tam parvalheira
Que com pös ou laranjas faça asneira.»
.....

Tambem nos consta que, se chegarem os *milhos*, a mesma commissão promoverá, na terça-feira seguinte, umas danças... carnavalescas, que farão a rivalidade das proprias danças Nicolinas.

A'vante, rapaziada!

Tivemos o prazer de cumprimentar o nosso amigo, snr. Alberto José d'Oliveira, que esteve n'esta cidade a tratar dos negocios d'uma casa commercial do Porto, de que é digno empregado.

Coisas da policia

Desde a penultima semana que estamos sabedores d'um facto abuzivo, motivado pelo guarda policial n.º 17 ter applicado uma multa, que por circunstancias especiaes não foi mantida.

D'elle nos occuparemos no proximo numero, com a circumspecção que requer, doa a quem doer.

Da capital

Noticias e coisas

Fevereiro, 4.

Como os tempos se enovelam qual-quer coisa, o homem *teso do Tosão*, tocou a conclave e reunidos os camarlengos, para sahirem ou não, o famoso ilheu, o da fazenda e o Adonis da Obra Publica, affirmaram a persistencia, para gloria d'elles, dos amoucos, da Patria, e da posteridade, que é d'elles.

Mas é que a tal continuação não depende só d'elles. A camarilha rosna, e quando ella rosna é porque sente mouro na costa. A' ultima hora, parece que ella trabalha para uma situação presidida pelo snr. *Mario da Cunha*, que é tambem ilheu, progressista e de peso.

São das Arabias estes snrs. ilheus. O snr. Antonio José da Villa, ou d'Avila, como elle dizia, vulgó, duque d'Avila e de Bolama, tambem era ilheu, e de X. P. T. O., e apesar de ter arribado aqui com calças enfundilhadas, diziam os más linguas, sabe-se o que foi, o que fez e o que deixou. Para a snr.^a *duquesa*... vinte vezes mais que o homem Lopo, e para nós, a *banqueta hypothecaria*, que já tem desgraçado centenas e centenas de familias, mas tambem engordado varios mironis, a cujo numero já pertence o snr. Padre Antonio Candido, e assim ao ultramarino, e mais outras coisas bellas e gordas. Um grande felizardo, realmente. Felizardo e mais alguma coisa a valer.

...Elle, que já teve fumaças de republicano, parece que se tornára tão fogoso, (o que faz a pança cheia!), que ultimamente disse a quaesquer gentes «que os snrs. republicanos estavam pondo as manguinhas de fóra e com uma certa audacia, mas que estavam muito enganados porque a monarchia se havia de defender á bala e a dente.» E que tal, hein? Ora ainda bem que ella, a tal monarchia, além do mais não seja tambem covarde e vil. Todavia, os padrés hão-de-lhe servir para pouco. Que tome nota do caso o illustre *candido* e companhia.

Nec semper lilia florent — Rev.^{ma} pes-sôa.

Esqueceu-me a semana passada dizer qual-quer coisa a proposito do novo Nuncio papal, chegado em 26 do proximo passado.

O homem vinha todo catita e fazendo de padre serio, ou talvez que o seja. Foi recebido na *gare* pelos altos bentos, que nem sempre são dos melhores, e depois de conduzido ao seu *ubi*, e companhia, em umas *carriolas* archaicas e quasi phantasticas, que são da *casa real*, e talvez muito mais proprias para uma festa de entrudo que para um acto serio, mas outros entenderão o contrario. Adeante.

O peor, porém, não são as *carriolas*, mas ser o paiz que ha de manter e muito á larga esta *reliquia papal*, que podia empregar melhor o seu tempo, e alliviar-nos agora, que estamos pobres e Roma já tem e de ha muito capitães portuguezes, que talvez dessem uma nação maior e melhor que o Portugal dos nossos dias. E o mais engraçado de tudo isto é que os taes snrs. Nuncios, como os Embaixadores inglezes, governam mais n'este paiz talvez que o proprio snr. D. Carlos.

Eram bem dispensaveis estes snrs. Nuncios, e de mais pagos á custa do nosso paiz. E ainda sustentamos um Embaixador junto de sua *santidade*, e que de mais nem é padre, e a este pagamos nós tambem e muito bem. O que fará elle alli, quando demais ainda alli temos outro Embaixador? Um par. E com que direito é que o *Papa* tem Embaixadores — não tendo elle qual-quer representação politica? E ainda se dá d'isto no tempo em que vivemos, e nem ha já terremotos que pres-tem.

Um jornalão qual-quer, cá da Lisboa amada, dizia ha dias e com infinita graça, a proposito de Republica e dos seus admiradores — «que a Republica será como a monarchia porque a causa do mal está nas massas, e as massas são sempre as mesmas.» E que tal, hein? que tal é o da Rebeca?! Um grande Rebecão.

Com que então o culpado do mal é o povo, ou os derigentes continuarão a ser os heroes da monarchia? Espera por isso, meu homem, e fia-te na virgem. O povo já não é tolo, e sabe de mais que percisa de tudo novo. Instituições e Leis, homens e coisas — usos e costumes — tudo novo, enfim. Elle não sabe ler, mas é um povo intelligente. Os que pensam o contrario d'isto — são tolos apenas ou gostão de o parecer.

Outro officio, nosso amigo. E ainda bem que o povo um dia não liquide tudo que deve liquidar. Se o liquidasse... não faltariam arrepios lá por casa tambem — não acha?

A proposito do recebimento que aqui teve ultimamente o grande Cidadão, Dr. Bernardino Machado, foi tão assombroso e de tão alto alcance, que nem queremos nem saberíamos descrevel-o. E se fosse ou se desse das 6 as 9 horas da noite, e esta estivesse menos fria, a concorrência ter-se-hia duplicado pelo menos. Eu creio que nunca se deu em Portugal uma manifestação tão expontanea, tão quente e tão numerosa. Eu já tinha dito que a maré subia. Subia e subirá cada vez mais. Hoje não é hontem. As medidas estão demasiado cheias.

Quanto ao chamado parlamento — o mesmo para variar, e nem vale a pena discutil-o.

Mathias d'Alencar.

«A Folha dos Caixeiros»

Por motivos estranhos á sua vontade este nosso apreciavel collega, que se publicava em Cabeceiras de Basto e mudou a sua sede para esta cidade, não pôde ser publicado no dia 15 de janeiro, como previamente noticiamos.

Todavia, appareceu no dia 31 o 1.^o n.º, respectivo do 2.^o anno, devendo publicar-se quinzenalmente e como defensor dos caixeiros do Minho, pugnando pela sua causa e pela sua emancipação.

Certo é que o seu novo corpo redactorial se esforçou para apresentar um periodico moderno, interessante de collaboração variada, instructiva e moralisadora, e pôde orgulhar-se de o ter conseguido, porque será difficil encontrar-se um jornal tão bem feito e tão notavelmente artistico na sua parte material.

De novo lhe testemunhamos a nossa viva sympathia e damos aos jubilosas boas-vindas, demais quando nos abraça igual communhão de ideias em pròl dos opprimidos.

Anniversarios

Faz hoje annos, o snr. Eduardo d'Almeida Junior; dia 9, os snrs. Antonio Augusto Infante e José de Freitas Costa Soares; dia 10, a snr.^a D. Sophia Virginia da Costa Freitas e os snrs. Abel Cardoso e Alcino Machado; dia 12, as snr.^{as} D. Amelia Augusta de Lemos Motta e D. Eulalia Amelia da Costa Freitas; dia 13, a snr.^a D. Maria Amelia Lopes de Mattos Chaves.

«Povo de Aveiro»

Com o seu numero de 31 do mez ultimo, entrou no 23.^o anno de existencia este nosso presado collega semanal que, primitivamente, viu a publicidade com o titulo *O Povo de Aveiro*, sendo actualmente o decano dos periodicos republicanos portuguezes.

Ao valioso confrade, que tão denodadamente e com raro brilho se tem distinguido no ataque ao regimen, a nossa sincera saudação pelo seu anniversario.

NOTÍCIAS MILITARES

Foi chamado á secretaria da guerra o tenente, snr. Manuel de Jesus Barreira. Este official partiu hontem para Lisboa no comboyo das 4 da tarde.

Para assistir ao juramento de bandeiras, em Penafiel, partiu para ali o capellão d'infanteria 20, snr. José Maria Fiuza.

Por ordem do ministerio da guerra e para o mesmo fim, partiu para Penafiel a banda regimental.

No proximo dia 10 devem realisar-se exames para musicos de 2.^a classe no quartel d'infanteria 20.

Deve prestar hoje juramento o alferes de reserva, snr. Martins Burlido.

Notas de 58000 réis

Foi prorogado até ao fim do mez corrente o praso para a troca das notas de 58000 réis do antigo typo em circulação, podendo depois serem trocadas apenas na séde do Banco de Portugal.

«Direito á vida»

Offerecido pela Associação de Classe dos Caixeiros Portuenses, recebemos ha dias um opusculo contendo a conferencia que teve por thema o titulo da epigraphe acima e que foi realisada na séde d'aquella florescente aggremação, em 25 de outubro do anno findo, pelo snr. Thomaz da Fonseca, um dos talentos mais fulgurantes e revoltados dos ultimos tempos, e que consagrou o seu magnifico trabalho ao futuro da briosa classe commercial.

Vê-se que é um espirito revolucionario, de natureza ardente e fecundante para a luz e para o bem da humanidade, demonstrando possuir, realmente, um «coração que aprendeu a amar entre a miseria e ao lado dos esmagados».

D'ahi, a superioridade da sua intelligencia e a bondade da sua bella alma de lutador humano, caracterisadas na sua figura insinuante e honesta, tendo uma consciencia immaculada e criando entre os caixeiros e até no operariado geral um fervoroso e sympathico culto, proprio da gratidão dos opprimidos.

E por isso, nós que abraçamos tudo que tenda para o bem, para a verdade e para a justiça, saudamos sinceramente o snr. Thomaz da Fonseca, e assim, agradecemos a offerta do primoroso opusculo, d'onde reproduziremos alguns excellentes periodos, que hão-de ter cabida n'um dos proximos numeros d'este jornal.

Defeso da caça

Desde o principio do mez corrente até 31 d'agosto é prohibido o exercicio da caça n'este concelho.

Ahi deixamos o aviso, para evitar contravenções ás determinações da lei e do regulamento de 3 de setembro de 1903.

A pronuncia de Joaquim d'Araujo no processo Esteves Ribeiro

O recurso de revista-crime assim intitulado, que recebemos em folheto e a que nos referimos no ultimo numero, por fallecimento do snr. conselheiro Rocha, primitivo relator, foi de novo distribuido do seguinte modo aos doutos juizes do supremo tribunal de justiça:

Relator, o snr. conselheiro Soares, e adjuntos os snrs. conselheiros Mattoso, Dias d'Oliveira, Correia Leal e Achilles Martins.

Zézinho de Segade

Ante-hontem foi intimado despacho de pronuncia a este criminoso, como auctor do assassinio de Francisco Agra. A familia da victima constituiu-se parte accusadora.

O assassino foi hontem conduzido para a Relação do Porto, tendo dias antes perflhado os filhos por meio de escriptura publica.

Asylo de Santa Estephania

Durante o mez findo foram entregues ao Asylo de Santa Estephania as seguintes esmolos:

Do snr. Arcebispo Primaz, 105000 réis; dos snrs. Condes de Margaride, 55000 réis; do snr. dr. Joaquim José de Meira, para suffragar a alma de seu irmão, 105000 réis; d'un anonymo, para o jantar no dia 16 de janeiro, 75500 réis; do snr. Rodrigo Venancio da Rocha Vianna, 55000 réis; do Grupo de Caridade (esmolas recolhidas no dia de Reis), 165520 réis; da snr.^a D. Eulalia da Cunha Costa e Mello, 12 cobertores de lã; do snr. Domingos José de Sousa Junior, 55000 réis; do snr. Joaquim Ferreira dos Santos, 12 molhos de colmo para colchões.

Miseria

E' enorme a que ha por ahi, e de quando em vez um caso nos commove.

Por agora é este d'uma pobre mulher, Joaquina Rosa de Lima, estar entrevada ha 5 annos e viver na mais dura necessidade.

Móra na rua de S. Lazaro, 272, e d'ella se condoam os bons e a auxiliem no que poderem.

TRIBUNA OPERARIA

A emancipação do trabalhador

A organisação social no actual momento, é caracterisada por uma medonha anarchia no dominio das ideias, e por conseguinte no dominio dos actos se revella a cada passo no individuo, na familia, nas assembleias legislativas, nas corporações armadas, por toda a parte.

A phase critica que vamos atravessando, tem deslocado todas as classes das suas respectivas funcções sociaes, causando esse mal estar um desgosto tão profundo que não é facil prevêr onde irá parar esta pervertida sociedade.

Os exploradores não estão satisfeitos, porque comprehendem o momento historico em que se acham, e tremem diante da revolta dos famintos que gemem sob o pezo da mais terrivel oppressão, que é a fome, que é a falta de trabalho, que é a miseria physiologica, que é a desconsideração social consagrada á uma classe que por força querem collocar no lugar de antigos escravos.

E esta lugubre certeza de calamidades, de males, de desgraças, arrasta naturalmente os trabalhadores ao desespero e de ahi a mais alguma coisa... porque o operario no auge do desespero, da afflicção, recorre aos meios extremos, serve-se de tudo quanto é capaz para destruir o enorme que o subjuga, que supporta.

Se, como diz Carl Marx, «a emancipação dos trabalhadores tem de ser obra dos mesmos trabalhadores» é necessario que não nos descuidemos, é preciso não perder um só momento. Trabalhemos sem cessar para alcançar a egualdade de direitos para todos. Ou somos ou não somos eguaes—haverá, porventura, differença no sangue? Não. Foram-se os tempos em que a

nobreza era de sangue azul, coisa que hoje ninguem acredita. O sangue dos nobres hoje é negro e envenenado, é formado de odio, desprezo, e rancor para os rotos, para a ralé productura.

Haverá, pois, quem de bom senso, revestido de criterio e orientação, venha afirmar que o que pedimos não é humano, não é justo?

Quem poderá rebater com argumentos serios o nosso santo ideal e as nossas justas aspirações? Ninguem, decerto, porque a emancipação do trabalhador ha-de ser um facto.

A emancipação do trabalhador é uma das transformações por que a sociedade tem fatalmente de passar, a não ser que queira exalar o ultimo arranco agarrada aos seus corcomidos pergaminhos, envolvida na véstia do passado.

Porto.

M. da Silva Guimarães.

A greve operaria

Não estranhemos que na penultima semana se tivesse dado a greve operaria na fabrica de tecidos do snr. Manoel Bernardo Alves, pois de ha muito tinhamos conhecimento de exigencias e abuzos de que eram victimas os operarios d'aquella fabrica, prevendo-se d'ahi que um dia saberiam cumprir o seu dever.

Já um operario e primo do snr. Bernardo Alves nos havia participado que se vira forçado a despedir-se d'aquella fabrica e a retirar-se para a Covilhã, por não se ter conformado com a exigencia de trabalho que lhe foi imposta no dia da ultima vinda a esta cidade do snr. João Franco.

E' costume aos sabbados parar o trabalho ás 4 horas da tarde e fazer a limpeza da fabrica, seguindo-se o pagamento de salarios. Na vespera em que veio o Franco, sexta-feira, trabalharam até ás 8 horas da noite, e no dia seguinte, sabbado, tiveram de fazer a limpeza até ao meio dia, sem d'ahi perceberem remuneração alguma.

Foi esse facto e accumulado a outros, que o digno operario tomou por exploração tórpe e que o levou a tomar a resolução que tomou, e que deve constituir um exemplo aproveitavel á classe operaria, se ella tem a noção dos seus deveres, dos seus direitos e da união de que deve revestir-se para circumstancias como as apontadas.

E' por isso que não estranhemos á razão da greve, que foi motivada por exigencias d'um regulamento absurdo e iniquo, e resultou factos revoltantes que a carta que segue narra e dá origem a commentarios que as pessoas de bom senso devem fazer.

«... Snr. Redactor — No sabbado á noite as grevistas da fabrica de tecidos do snr. Manoel Bernardo Alves tiveram de ir á fabrica para receberem os salarios dos dias que tinham trabalhado antes da greve, e como o patrão não se podesse recusar a pagar-lh'os, vingou-se d'ellas mas por um modo deshumano e que dá ideia segura do seu procedimento anterior e de que nunca virá a regenerar-se.

A maioria das operarias gastavam-lhes os riscados para vestuarios e descontavam 100 réis por semana. Pois foi-lhes descontado tudo por inteiro, chegando algumas a terem de saldar o debito com dinheiro que levaram de casa, visto não chegar o salario a receber para o que deviam.

Chamado o operario João Ferreira Guimarães, nosso companheiro que sabe cumprir com o seu dever de solidariedade e conhece a razão a que tem direito, levanta-se mormurió geral entre as mulheres, imaginando que o patrão lhe batesse, tal é o costume para com ellas. Mas não, o patrão tira do bolso o jornal *O Norte* e obriga o operario a lêr diante de todos um telegramma d'esta cidade que o mesmo jornal inseriu, referente á greve. Satisfeito o seu desejo, terminou por

lhe pagar o salario e despedil-o, ameaçando-o com processos e coisas vomitadas a seu bello prazer, e que mal iria a quem o não conhecesse e soubesse do que era capaz.

Mas não ficou por aqui tão aviltante rancor. Um seu subordinado, tambem ousou provocar o nosso companheiro, demonstrando a educação que o caracteriza e que é propria de quem já andou pela Roça e está habituado a lidar com escravos, muitas vezes de alma mais branca e mais pura do que a do provocador.

E não me alongo mais agora, snr. Redactor, embora muito tivesse ainda que dizer sobre factos do dominio publico e que se teem passado na fabrica em questão. Permitta-me, porém, dizer-lhe que se houvessem operarios da tempera de José dos Santos, de João Ferreira e d'outros, a emancipação seria um facto e conseguiriamos duas horas de justiça para julgarmos estes exploradores das classes trabalhadoras e regalias sociaes.

E porque não havemos de lutar pelo movimento associativo e pela criação d'um tribunal arbitral n'esta cidade, que tão necessario se torna para resolver questões d'esta natureza?

De V... etc.—Um operario.»

Somos informados de que a greve termina amanhã, recomeçando a laboração da fabrica, mas que serão excluidas algumas operarias, o que é uma injustiça.

Veremos.

A Imprensa e

«O Povo de Guimarães»

Do Povo de Aveiro:

«Recebemos *O Povo de Guimarães*, semanario democratico e social que se começou a publicar em Guimarães. Apresenta-se muito bem redigido. Desejamos-lhe longa vida e vamos retribuir a sua visita.»

D'A Luz do Operario, de Villa Nova de Gaya:

«O Povo de Guimarães—Recebemos os dois primeiros numeros d'este novo jornal, que principiou de se publicar em Guimarães.

E' muito bem feito e defende a democracia social.

As nossas saudações e prospera vida.»

D'O Povo de Cabeceiras, de Cabeceiras de Basto:

«O Povo de Guimarães—Recebemos a visita de um novo collega assim intitulado que principiou a publicar-se na cidade de Guimarães.

Desejamos as maiores venturas ao nosso illustre collega e vamos permutar.»

D'A Voz Publica, do Porto:

«O Povo de Guimarães—Publicou-se o 2.^o numero do 1.^o anno d'este excellentes semanario democrata e social. Estampa na sua pagina d'honra um retrato do snr. dr. Bernardino Machado e é collaborado pelos snrs. Alfredo Pimenta, dr. Affonso Costa, M. da Silva Guimarães e outros.»

D'O Villacondense:

«O Povo de Guimarães—Encetou a sua publicação n'aquella cidade, com o titulo acima, um bem redigido semanario republicano. Longa e prospera vida.»

D'A Folha dos Caixeiros, de Guimarães:

«O Povo de Guimarães—Appareceu no 1.^o de janeiro este já brilhante semanario, defensor dos ideaes democraticos.

Apresenta-se superiormente redigido, e traz um esplendido artigo editorial, em que transparece uma fé noble e arroigada na salvação da Patria pela Republica.

Ao nosso collega auguramos longa vida, e agradecemos do coração as palavras extremamente amaveis que teve para conosco, e a sua sympathia pela causa dos caixeiros.»

Do Jornal de Penafiel:

«O Povo de Guimarães—Recebemos a amavel visita d'este estimado confrade, que acaba de ver a luz da publicidade em Guimarães e que tem por fim advogar a causa democratica.

Larga vida é o que lhe desejamos.»

«O POVO DE GUIMARÃES»

Desde o seu primeiro numero é offerecido a certos cavalheiros e corporações d'esta cidade, não os considerando assignantes.

Não solicita mas de bom grado aceita assignaturas, por escripto e pagas adeantadamente, tanto d'esta cidade como de fóra, o que agradece.

Egualmente recebe e agradece communicados ou annuncios, collaboração estranha ou quaesquer informações, desde que estejam na indole que o jornal mantém e mereçam publicidade.

Além da venda avulsa pelas ruas da cidade no dia da sua publicação, tambem se encontrará á venda diariamente no Mathias, relojoeiro da rua da Rainha, e na rua de D. João I, n.º 78.

CALENDARIO DE FEVEREIRO

Domingo	7	14	21	28
Segunda	1	8	15	22
Terça	2	9	16	23
Quarta	3	10	17	24
Quinta	4	11	18	25
Sexta	5	12	19	26
Sabbado	6	13	20	27

Luz cheia em 1, ás 3-59 m. da tarde.
Quarto ming. em 8, ás 9-22 m. da manhã.
Lua nova em 16, ás 10-30 m. da manhã.
Quarto cresc. em 24, ás 10-34 m. da manhã.

Horario dos comboyos

PARTIDAS:

N.º 2—Diario—Mixto—A's 5 da manhã, tendo correspondencia na Trofa para a Povoia, Braga e Vianna, e para o Douro e Porto.

N.º 10—Mixto—Dias uteis—A's 7 da manhã, com correspondencia na Trofa para Braga e Valença e para o Porto.

N.º 4—Diario—Mixto—A's 10-15 da manhã, tendo correspondencia na Trofa para a Povoia, Braga e Valença, e para o Porto.

N.º 6—Diario—Correio—A's 4 da tarde, com correspondencia na Trofa para Braga e Valença, e para o Douro e Porto.

N.º 8—Mixto—Mercadorias—Domingos e dias santificados—A's 7-15 da noite, tendo correspondencia na Trofa apenas para o Porto.

CHEGADAS:

N.º 7—Mixto—Mercadorias—A's 9 da manhã. Corresponde na Trofa com os comboyos procedentes de Valença, Braga e Povoia, e Porto.

N.º 1—Diario—Correio—A's 11-3 da manhã. Na Trofa corresponde com o comboyo procedente do Porto ás 7-50 da manhã.

N.º 3—Mixto—Domingos e dias santificados—A' 1-58 da tarde, correspondendo na Trofa com o comboyo procedente do Porto ás 11-16 da manhã.

N.º 9—Mixto—Dias uteis—A's 6-50 da tarde, tendo correspondido na Trofa com o comboyo procedente do Porto ás 4-23 da tarde.

N.º 5—Mixto—Diario—A's 8-58 da noite. Corresponde na Trofa com os comboyos procedentes de Valença, Braga e Povoia, e Douro e Porto.

Os comboyos n.ºs 1, 6, 9 e 10, param 1 minuto nos apeadeiros de Covas, Magdalena e Espinho, para receberem e deixarem passageiros.

Historia da Revolta do Porto

GRANDE SUCESSO

Assignatura

GRANDE SUCESSO

ILLUSTRAÇÕES DOS ACONTECIMENTOS DA REVOLTA



GRANDE SUCESSO

RETRATOS DOS VULTOS DE PARTIDO DEPRICADO

OBRA DE VERDADE

UMA DAS EDIÇÕES MAIS LUXUOSAS QUE SE TEM PUBLICADO NO PAIZ

Compõe-se de 30 fasciculos a 60 reis, ou 6 tomos a 300 reis

OBRA COMPLETA BELLAMENTE CARTONADA. 28500 REIS

LIVRARIA CHARDON - LELLO & Irmão - PORTO

1 volume illustrado com numerosas gravuras e uma linda cartoneagem, 28500 reis

Para propaganda, a qualquer dos assignantes d'O Povo de Guimarães será fornecido um exemplar d'esta importante obra pelo preço de 200 reis.

Tambem se vende avulso na administração d'este jornal ao preço de 500 reis o volume brochado.

1 volume illustrado com numerosas gravuras, brochado, 18800 reis

Recebem-se assignaturas na administração d'O Povo de Guimarães

TYPOGRAPHIA MINERVA VIMARANENSE

RUA DE PAYO GALVÃO

Impressão de circulars, facturas, memorandums, enveloppes, participações de casamento e todos os mais impressos para commercio, camaras municipaes, repartições publicas e juntas de parochia, rotulos para pharmacia; programas e bilhetes de espectaculos; recibos, etc., etc.

Impressões a côres, e cartões de visita em todos os formatos e diversas qualidades.

OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO E PAPELARIA

Na officina de encadernação executam-se todos os trabalhos desde os mais simples aos mais difficeis, para o que tem um escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e um pessoal competentemente habilitado.

Preços sem competencia.

A Insurreição de Janeiro

Por HELIODORO SALGADO

Historia, affiliação, causas e justificação do movimento revolucionario do Porto

O Mundo Legal e Judiciario

PROPRIEDADE E DIRECÇÃO DE

Fernão Botto Machado

Revista de jurisprudencia e direito, com artigos dos principaes homens sobre todo o movimento da lei e sua interpretação

Redacção e administração, rua do Ouro, 124, 1.º — LISBOA



Francisco Jacintho

CIRURGIÃO DENTISTA

Tratamento de doenças da bocca Collocação de dentes artificiaes

Campo do Toural, 6